

Uma revolução começou em Rojava, em 2012, mudando radicalmente a vida de milhões de pessoas no norte da Síria, que iniciaram uma sociedade comum para além do Estado e do Capitalismo.

A invasão da Turquia em Rojava mostra que não podemos contar com os Estados Unidos, as Nações Unidas ou qualquer outro governo ou instituição transnacional para manter a paz e muito menos para nos proteger. Precisamos investir tudo na organização popular e na solidariedade internacional. Nenhum político, partido ou militar tem nossos melhores interesses no coração.

Todos os povos, movimentos sociais e todas as pessoas de boa fé devem se mobilizar imediatamente para impor consequências à Turquia por esse ataque odioso e espalhar uma visão de futuro sem tirania ou guerra. Se não o fizermos, as consequências serão horríveis.



faccaoficticia.noblogs.org

ROJAVÁ RESISTE

O que está em jogo na com a invasão turca no norte da Síria em 2019



TURQUIA

EFRIN

LÍBANO

MAR MEDITERRÂNEO





*Da Catalunha, à Chiapas e Rojava:
Revolução e libertação para os povos,
das mulheres e do planeta!*



ROJAVA RESISTE

O que está em jogo com a invasão turca no norte da Síria

Introdução

Uma revolução começou em Rojava, em 2012, mudando radicalmente a vida de milhões de pessoas no norte da Síria. O povo curdo uniu-se a diversos outros povos da região e se organizou em conselhos autônomos, comunas e cooperativas, libertando-se assim do autoritarismo do regime de Assad. Formularam uma sociedade comum para além do Estado e do Capitalismo. A organização das mulheres tornou-se a força motriz da revolução social e política da região e desenvolveu-se um projeto multiétnico e multirreligioso singular, que hoje garante a coexistência pacífica de milhões de curdos, árabes, assírios, yazidis, armênios, cristãos e muçulmanos, ao mesmo tempo em que tomavam a frente no combate ao Estado Islâmico. Por tudo isso, tal experimento revolucionário sempre foi visto como um problema para os poderes regionais, seja pelos governos de Assad na Síria e Erdogan na Turquia, ou pelos imperialistas ocidentais.

Em julho, as ameaças da Turquia contra a Federação Democrática do Nordeste da Síria atingiram um novo nível. O governo de Erdogan anunciou que está pronto para invadir Rojava, o que pode reacender a guerra civil no país. O presidente turco quer massacrar aquelas pessoas que derrotaram o grupo terrorista conhecido como Estado Islâmico e agora vivem em paz e liberdade.

Assim que o Estado Islâmico foi derrotado, o governo dos EUA induziu as Forças Democráticas da Síria (SDF) a dismantelar suas defesas ao longo da fronteira síria, prometendo garantir a paz na região. região e desencorajá-los a procurar outros aliados internacionais. Uma

Economia: O principal recurso econômico da região em Rojava é o petróleo: cerca de 40.000 barris por dia. Todas as refinarias na Síria ficam no sul do país, então as refinarias construídas em Rojava foram erguidas muito esforço e faça-você-mesmo. Antes da guerra haviam algumas indústrias e produção de concreto e metal fundido, mas sua estrutura foi danificada em meio aos conflitos. Rojava também é considerada o “celeiro da Síria”. Acomodada entre os rios Tigre e Eufrates, a região é a maior produtora de grãos, algodão e rebanhos de ovelha. Era a única região agrícola na Síria a ter um negócio de exportação próspero antes da guerra.

Milícias Populares: As principais forças de combate de Rojava são as milícias voluntárias (YPG e YPJ). As unidades do YPG / YPJ contam com cerca de 40.000 combatentes com armamentos leves. A maioria das armas são metralhadoras e lançadores de foguetes leves. Eles também reutilizaram cerca de 40 caminhões de lixo e outros caminhões pesados convertidos em veículos blindados de transporte de pessoal. As milícias não possuem aviões.

YPG: Yekineyen Parastina Gel (Unidades de Defesa Popular) são milícias populares autônomas de Rojava encarregadas de defender a região. Foram criadas em 2004, mas ficaram publicamente conhecidas em 2011.

YPJ: Yekineyen Parastina Jinê (Unidades de Defesa das Mulheres) são as milícias compostas exclusivamente por mulheres criada em 2013. Desempenham um papel fundamental no combate ao Daesh, e como referência de empoderamento e libertação das mulheres.

Estado Islâmico/El/Isis ou Daesh: O Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS na sigla em inglês ou EI em português) é uma organização jihadista que surgiu em meio à tragédia humanitária causada pela intervenção estadunidense no Iraque. Tem por objetivo criar um Califado no Oriente Médio, exterminar não seguidores do islamismo, escravizar mulheres e dominar territórios. Entre os povos que resistem à suas ofensivas, como o povo curdo em Rojava, o EI é chamado de Daesh, que em árabe tem uma conotação pejorativa de “valentão” ou “bully”.

I N F O R M A Ç Õ E S B Á S I C A S

Nome: “Rojava” é uma palavra que significa tanto “Oeste” quanto “pôr do sol” em curdo.

Geografia: Rojava fica no norte da Síria e na parte ocidental do chamado Curdistão. A área se estende por mais de 2.000 quilômetros quadrados (quase seis vezes o tamanho de Belo Horizonte).

Estrutura Política: Rojava é nome de toda a região curda no norte da Síria que é composta por três “cantões” autônomos e confederados: Efrin, Cizire e Kobane. Esses três territórios não geograficamente contínuos, pois são cortados por zonas controladas por outros grupos não-curdos na Síria. Cada cantão tem seu próprio hino e sua própria bandeira. A estrutura de tomada de decisões é construída por vários conselhos. O tamanho médio de um conselho de um bairro é de 30 a 150 famílias. Um conselho de uma cidade ou distrito é composto por 5 ou até 17 conselhos de bairro (contando com conselhos de trabalhadoras, religiosos ou voluntários). O conselho do distrito escolhe duas pessoas para o conselho da cidade (um homem e uma mulher). Também escolhe quem fica na segurança e nas milícias populares (YPG) e nas milícias de mulheres (YPJ).

População: Desde o início da guerra civil na Síria, a população de Rojava dobrou, chegando a 4,5 milhões de pessoas. Muitas pessoas que não seguiram rotas de migração pelos países vizinhos, como Iraque e Turquia, foram para Rojava fugindo tanto da repressão do governo sírio de Bashar al-Assad quanto do terror do Estado Islâmico. A população conta com uma pluralidade étnica e religiosa onde convivem povos curdos, árabes, assírios, turcomenos e yázidis. A população curda no mundo é estimada em cerca de 30 milhões de pessoas, vivendo em vários países diferentes. Etnicamente, curdos não são árabes e suas origens estão próximas à do povo persa.

vez que estavam indefesos, Trump deu à Turquia permissão para invadir a região.

No dia 6 de outubro de 2019, o governo Trump anunciou que estava retirando tropas dos EUA do norte da Síria, dando ao presidente turco Recep Tayyip Erdogan a luz verde para invadir Rojava, realizar uma limpeza étnica e se reinstalar à força na região. Quase que imediatamente, no dia 9 de outubro, a Turquia deu início a uma operação de guerra e limpeza étnica no norte da Síria, território autônomo conhecido como Rojava. Com o argumento de criar uma “zona de segurança” ao longo da fronteira entre a Síria e a Turquia, o presidente Erdogan pretende varrer o povo curdo e várias outras etnias vivendo em paz e harmonia sob um experimento multiétnico, revolucionário, feminista e igualitário conhecido como Confederalismo democrático. Usando a falsa acusação de que os curdos são terroristas, Erdogan conseguiu reacender a guerra civil no país e massacrar pessoas que derrotaram o grupo jihadista, terrorista e fascista conhecido como Estado Islâmico.



Protesto em São Francisco em outubro de 2019, em solidariedade Rojava. A faixa diz “Nós Somos as Montanhas” e faz menção ao ditado que diz que “o povo curdo não tem amigos além das montanhas”.

As imagens dessa guerra de agressão circularam o mundo: milhares de pessoas feridas, centenas de mortos, centenas de milhares de pessoas fugindo de casa em busca de refúgio, grupos jihadistas ligados a grupos como o Estado Islâmico e mercenários executando civis, crianças queimadas vivas com armas químicas proibidas, comboios de jornalistas e civis internacionais bombardeados pela força aérea turca. Tudo isso com o silêncio da OTAN (da qual a Turquia é membro) e do governo dos Estados Unidos, que se aliou às milícias populares curdas YPG/YPJ e às Forças Democráticas Sírias (SDF) para, literalmente, libertar todos os territórios antes dominados pelo Estado Islâmico – ao custo de 11 mil vidas de combatentes curdos e certa de uma dúzia e soldados estadunidenses.

Para explicar o que está por trás dessa traição por parte dos EUA, os interesses da Turquia em eliminar a revolução social em Rojava e o povo curdo, o contexto dos conflitos na Síria e a relevância de Rojava para todos os movimentos revolucionários do mundo, fizemos essa compilação desses artigos, chamados e relatos. É necessário nos informar sobre o que está em jogo e expressar desde já nossa solidariedade, impondo consequências aos estados e tiranos por trás dessa agressão genocida aos povos de Rojava e sua liberdade.



Protesto em frente ao consulado turco em Belo Horizonte, setembro de 2019, pela campanha Riseup4Rojava.

batalha que começou em Kobane foi concluída com a vitória em Baghouz e a completa destruição territorial do califado. Da mesma forma, seremos capazes de transformar essa ameaça em outra vitória. Toda revolução se move na linha tênue entre novas vitórias e aniquilação total. É importante não perder a esperança e aproveitar as oportunidades que trazem os novos perigos. O movimento global de resistência desempenha um papel muito importante a revolução como um fator decisivo. Talvez o movimento de resistência global ainda não esteja em posição de parar, impedir ou acabar com a guerra, mas é um fator por si só que hoje revela, frustra e ataca as políticas daqueles que estão no poder. A resistência diária nas metrópoles dos países imperialistas fortalece a revolução em meio às negociações. Se conseguirmos unir a luta da população aqui com a resistência nas metrópoles e os sujeitos atuantes, então o último plano dos governantes será evacuar e então a revolução sairá vitoriosa. Nesse sentido, é importante não deixar a resistência desmoronar e não dar lugar à guerra especial dos estados em nossas cabeças e corações.

A guerra não acabou e a revolução continuará. As políticas sujas dos estados imperialistas e sua colaboração com o fascismo turco não devem ficar impunes. Talvez eles estejam tentando lavar o sangue de suas mãos, mas sabemos onde encontrar os culpados desta guerra. Nós sabemos quem é responsável por esses crimes.

Da Federação Democrática do Nordeste da Síria, saudamos todas e todos aqueles que estiveram nas ruas nas últimas semanas, quem bloqueou e interrompeu as operações normais e que não vão parar de denunciar a política vigente. Mesmo que alguns gostem dessa maneira, essa luta ainda não acabou, mas apenas começou.

A revolução no nordeste da Síria triunfará, o fascismo será esmagado!

No entanto, os primeiros passos em direção a uma aliança de defesa militar podem ser interpretados como os primeiros passos a preparar o caminho para um maior diálogo político.

As próximas semanas e meses mostrarão como os eventos se desenvolverão ainda mais. Em suma, a revolução hoje no nordeste da Síria está confrontado perigos extremamente grandes. Mas toda crise e todo o caos que se desenvolve traz consigo novas oportunidades. Está claro que todos os lados estão tentando destruir a revolução e ninguém quer a aceitar a revolução como ela é. Desde 2011, a revolução poderia emergir como a força mais potente e vitoriosa da Síria em guerra civil. Com as forças democráticas da Síria, surgiu hoje um exército revolucionário que não teve nenhuma comparação em seu tamanho ou em seu esplendor no Oriente Médio. Pela primeira vez na história do Oriente Médio, após sua divisão pelos imperialistas nos últimos 100 anos, curdos, árabes, assírios, turcomenos, todos os diferentes grupos populacionais do país, lutam lado a lado contra o imperialismo e o fascismo. Isso por si só representa um passo histórico adiante. Mais de 5 milhões de pessoas agora vivem sob o sistema de governo autônomo democrático há sete anos, e a ideia por trás desse sistema está se espalhando em todas as direções do Oriente Médio. Em outras partes da Síria e do Oriente Médio, também, há um interesse crescente em lidar com o paradigma da modernidade democrática. A revolução tornou-se um fator forte e independente na região e isto é um espinho no lado de algumas forças.

Mas, como em todas as fases da crise, o resultado do caos será finalmente decidido pelo grau de organização, iniciativa e determinação das forças individuais. Quanto mais expandimos a resistência aqui e globalmente, nos organizamos fortemente e de acordo com o tempo e as necessidades, mais somos capazes de dar as respostas certas. Mais nós, como movimento internacional, iremos determinar o resultado desta guerra. Até hoje, tivemos e continuaremos a ter sucesso em transformar todas as defensivas em um novo avanço. Como um exemplo brilhante, Kobane ainda está nas melhores memórias de todos nós. A

Nacionalistas e Jihadistas Unidos - e contra eles, apenas resistência autônoma

A traição do governo Trump a Rojava mostra a relação simbiótica entre tiranos nacionalistas de extrema-direita como Donald Trump e o presidente turco Recep Tayyip Erdogan e grupos jihadistas como o Estado Islâmico. Também nos leva à conclusão de que não podemos depender de nenhum estado, partido ou exército para manter a paz: precisamos nos organizar horizontalmente.

O povo de Rojava, no norte da Síria, incluindo curdos e muçulmanos, estava na frente da luta para derrotar o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS), sofrendo milhares e milhares de baixas no decorrer dos anos de guerra. Assim que o ISIS foi derrotado, o governo dos EUA induziu as Forças Democráticas da Síria (SDF) a desmantelar suas defesas ao longo da fronteira síria, prometendo garantir a paz na região. região e desencorajá-los a procurar outros aliados internacionais. Uma vez que estavam indefesos, Trump deu à Turquia permissão para invadir a região.

Apesar de toda a conversa sobre fronteiras, Trump obviamente não se importa em respeitá-las – assim como ele não se importa em combater o terrorismo. Com o ISIS tendo perdido todo o seu território e dezenas de milhares de combatentes nos campos de detenção dos SDF, a invasão turca da Síria é a única coisa que permitiria ao ISIS retomar suas atividades.

Durante o reinado do ISIS, foi amplamente divulgado que a Turquia permitiu tacitamente que voluntários, armas e recursos chegassem ao Estado Islâmico em seu território. Até o ex-enviado de Trump à Coalizão Global para Derrotar o ISIS, Brett H. McGurk, argumentou que a invasão da Turquia provavelmente permitirá que o ISIS se reagrupe e reemerja. Uma das justificativas declaradas de Trump para permitir que a Turquia invada a Síria é que os contribuintes dos EUA não devem pagar para manter os combatentes do ISIS presos. De fato, os EUA não

pagaram um centavo para deter combatentes do ISIS capturados; que foi completamente organizado pelo SDF. A verdadeira agenda de Trump é permitir que Erdogan realize uma limpeza étnica contra os curdos e desestabilize ainda mais o Oriente Médio. As autoridades turcas descrevem consistentemente organizações curdas como o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) como adversários de maior prioridade que o ISIS.

Demagogos como Trump e Erdogan se beneficiam do terror espalhado por grupos como o ISIS; esses grupos são as únicas coisas que podem fazer com que suas próprias agendas autoritárias pareçam boas. Esta última tragédia se encaixa em um longo padrão. O financiamento da CIA ajudou a equipar combatentes da Al Qaeda no Afeganistão; a invasão e ocupação do Iraque por George Bush criou as condições para o ISIS surgir, ferindo toda a população e deixando uma enorme quantidade de equipamento militar disponível para os insurgentes.

Como discutimos em 2015, após ataques do ISIS em Paris,

“Existe uma simetria assustadora entre as agendas dos nacionalistas da Europa e os fundamentalistas do Estado Islâmico. Os nacionalistas desejam ver o mundo dividido em comunidades fechadas nas quais a cidadania serve como uma espécie de sistema de castas. A história europeia mostra que, em um mundo assim dividido, a solução definitiva para todos os problemas é a guerra. Os fundamentalistas, por sua vez, esperam afirmar a identidade islâmica como base de uma jihad global.

Nesse sentido, a única diferença real entre o ISIS e os nacionalistas europeus é se os critérios para inclusão na nova ordem mundial devem ser cidadania ou religião. Tanto o ISIS quanto os nacionalistas querem ver os conflitos do século XXI entre povos claramente definidos, governados por potências rivais, não entre os governantes e os governados como um todo.”

Síria. Assim, Lavrov fala da grande importância da questão curda, mas a reduz apenas a uma afinidade cultural e o direito à língua materna. Ao mesmo tempo, Rússia pede às forças revolucionárias que falem apenas em nome dos curdos nas negociações com eles e o governo sírio, e para excluir as seções árabes, assírias e turcomenas da população. Os curdos devem ser enganados com pequenas reformas legais e ver a unidade dos povos destruída. As questões essenciais do autogoverno local e da descentralização do estado sírio também como a distribuição equitativa dos recursos naturais e da riqueza do país nem sequer é abordada.

A atitude do governo central da Síria e de Bashar-al-Assad em relação à guerra atual pode ser vista como positiva. A questão curda é reconhecida como realidade, exige-se a luta comum, curdos e árabes igualmente contra a ocupação sinalizando também a disponibilidade para negociar. Mas ainda depende da atitude da Rússia para ver até onde vai o diálogo entre governo autônomo e governo estatal. Até agora, tem sido principalmente poderes externos que minaram e impediram repetidamente esse diálogo. Desde 2012, o governo autônomo fez todos os esforços para encontrar uma solução junto com o governo da Síria, para iniciar uma democratização da Síria e, assim, acabar com a guerra. Mas é claro que também é uma questão do equilíbrio de poder e da posição a partir da qual Assad negocia se está disposto iniciar um diálogo honesto, aberto e sério. Assim, o tom da maioria das afirmações de Damasco ainda é o mesmo, o da submissão renovada ao regime.

Um enfraquecimento da revolução pela Turquia naturalmente coloca Assad no jogo. A grande questão é se o governo sírio finalmente, será capaz de mostrar previdência e buscar uma solução no interesse de todos os cidadãos sírios, ou deslumbrado com o chauvinismo árabe, continuará a insistir no status quo antes de 2011. Em algum momento, o regime sírio também terá que reconhecer que a Turquia quer muito mais do que a suposta guerra contra o terrorismo. Trata-se da ocupação e transformação de longo prazo da Síria em um estado satélite turco.

Nacional e o avanço para o lado leste do Eufrates, tanto a Turquia quanto os EUA conseguiram dar um passo importante que mais uma vez põe em causa o equilíbrio de forças existente. Com o Governo Interino da Síria, o Exército Nacional, sua própria força policial, vários ministérios, todos dos quais baseados na Turquia e até em suas próprias embaixadas, por exemplo no Catar, o objetivo é construir uma estrutura estatal que possa desafiar o estado central sírio não apenas em sua legitimidade, mas também militarmente em o futuro. Quando esses fatos são considerados, fica claro que as negociações atuais entre a chamada oposição e o governo sírio sob os auspícios da ONU são fadados ao fracasso. O Comitê Constituinte é outra peça teatral. Os poderes intervencionistas ainda estão interessados em uma escalada – e desde que a situação não corresponda aos seus interesses, eles continuarão sua política de guerra e desestabilização.

O mesmo se aplica à Rússia, não importa quantas vezes eles se apresentem como preservadores da soberania síria, unidade e independência síria. Eles também fizeram parte dessa guerra e estão tentando usá-la para seu proveito. As demandas da Rússia por rendição ao regime sírio são, é claro, inaceitáveis e não podem ser atendidas. A Rússia joga um jogo duplo e usa a Turquia, assim como os jihadistas, como um meio de pressão contra o governo sírio para garantir um relacionamento permanente de dependência. A interferência russa na Síria não deve ser mal interpretada como um gesto de amizade em direção a Assad. A Rússia também está hoje em uma liga diferente e se vê no conflito de duas partes, e não como uma terceira força que está acima de tudo e julgará o resultado. A Rússia está agora tentando ocupar o papel que os EUA muitas vezes desempenharam antes. A Rússia pensa em uma escala global e por isso é auto-explicativo de que a fuga gradual da Turquia do bloco de poder ocidental é o que importa mais agora. Al-Bab, Idlib, Afrin e agora Gire Spi e Serekaniye, a lista de territórios sírios vendidos pela Rússia é longa. Ao mesmo tempo, o Estado Russo também visa a liquidação política do projeto revolucionário no norte da

A invasão turca de Rojava abrirá um novo precedente para invasões militares sem sentido, limpeza étnica e destruição de experimentos sociais comparativamente igualitários como o de Rojava. Prepara o terreno para mais massacres e opressões em todo o mundo. Isso implica um futuro no qual autocratas etno-nacionalistas como Trump, Erdogan, Bashar al-Assad, Jair Bolsonaro e Vladimir Putin estarão no controle em todo o mundo, se conectando para manter o poder sobre seus domínios privados, contando com grupos como ISIS para assustar as pessoas ignorantes a correrem em busca de segurança.

A invasão da Turquia também mostra que não podemos contar com os Estados Unidos, as Nações Unidas ou qualquer outro governo ou instituição transnacional para manter a paz e muito menos para nos proteger. Precisamos investir tudo na organização popular e na solidariedade internacional. Nenhum político, partido ou militar tem nossos melhores interesses no coração.

Na manhã do dia 7 de outubro, quando incia a invasão turca, senadores republicanos neoliberais como Lindsay Graham, que serviram a Trump fielmente como labe-botas obedientes, estão discutindo alguns dos mesmos pontos que mencionamos acima. Isso não mostra que anarquistas e neoliberais têm a mesma agenda, e sim confirma que entramos em uma era de conflitos com três lados, colocando nacionalistas, neoliberais e movimentos sociais antiautoritários um contra o outro – e um infortúnio aguarda aqueles que cometer o erro de contar com neoliberais para ter segurança. Os manifestantes em Hong Kong que pediram apoio a Donald Trump e ao governo dos Estados Unidos precisam ver o quão tolo isso é hoje.

Para derrotar um exército jihadista islâmico equipado com todo o armamento que os EUA abandonaram no Iraque, os SDF concluíram que não tinham outra escolha senão depender das forças armadas dos Estados Unidos para obter apoio aéreo. Era inevitável que, uma vez cumpridos seus propósitos, os EUA os traíssem - mas o povo curdo sentiu que não tinham outra escolha. Se não queremos que futuros

movimentos populares contra insurgências fascistas e fundamentalistas terminem da mesma maneira, o que precisamos fazer? Como devemos nos organizar hoje?

Não existe soluções estatais para esse problema. Hoje, dos Estados Unidos à França, da China à Nicarágua e Equador, todos os governos estão focados principalmente em manter seu próprio poder, sem abordar as causas do desespero e da agitação social. Mais uma vez, como escrevemos em 2015,

“De Washington DC e Istambul a Raqqa e Mosul, aqueles que detêm o poder não têm soluções reais para as crises econômicas, ecológicas e sociais de nosso tempo; eles estão mais focados em suprimir os movimentos sociais que os ameaçam. Mas onde quer que esses movimentos sejam esmagados, os descontentes serão recrutados para organizações como o ISIS, que buscam resolver seus problemas através da guerra sectária, em vez de mudanças revolucionárias coletivas.”

E para citar um anarquista na Síria, escrevendo dezembro passado, quando ficou claro que Trump esperava trair os curdos sírios:

“Ninguém deve esquecer que o ISIS só foi reduzido à sua fraqueza relativa atual por um movimento de resistência popular multi-étnico e radicalmente democrático, envolvendo voluntários internacionais de todo o mundo. Em vista da decisão de Trump de trair a luta contra o ISIS, todo mundo que quiser sinceramente impedir a propagação de grupos terroristas fundamentalistas apocalípticos como o ISIS ou seus sucessores iminentes deve parar de contar com o Estado e colocar todos os seus recursos em apoio direto movimentos igualitários multiétnicos descentralizados. Está ficando cada vez mais claro que essa é a nossa única esperança.”

iniciar o apoio militar ao movimento de libertação. Suas esperanças de, mais cedo ou mais tarde, ganhar controle político sobre o projeto, de explorar as forças democráticas da Síria para seus próprios interesses, ou de dividi-los novamente, ficaram amargamente frustradas. A Revolução do Nordeste da Síria continuou a seguir sua linha da terceira via independentemente. Todas as tentativas dos EUA e da Coalizão Internacional lideradas pelos SDF, para direcionar os interesses da revolução para um confronto com as forças iranianas foram repelidas, assim como os esforços de uma solução política para um diálogo entre grupos sírios, sem estrangeiros influências estrangeiras, também continuaram.

Os EUA alcançaram um claro impasse com sua política para com a revolução. Mas ao mesmo tempo nunca desistiram de apoiar as gangues islâmicas. Quando a Turquia lançou uma operação de resgate pelo enfraquecimento da chamada “oposição síria”, em agosto de 2016, com a invasão do norte da Síria sob o nome de Eufrates Shield, isso também foi recebido com grande apoio dos EUA. Forças especiais americanas apoiaram as tropas turcas na tomada da cidade de Jarablus. Além disso, os EUA também treinaram e forneceram armas a associações islâmicas na Turquia. O autoproclamado governo provisório sírio, que representa o braço político das gangues, ainda hoje é a única “representação do povo sírio” reconhecida pelos estados da OTAN. É bem possível que os EUA, em seus planos de intervenção de médio prazo contra o Irã, voltem a fortalecer os islamitas sunitas. Tem sido discutido há algum tempo se os EUA não estão trabalhando juntos com a Arábia Saudita e outros estados para construir um exército sunita transfronteiriço anti-iraniano. Houve também tentativas por parte da coalizão de controlar as partes árabe-sunitas das forças democráticas da Síria no sul das áreas liberadas e separá-las da aliança como forças independentes.

Veremos a seguir a atitude da Turquia contra o Irã. Os EUA estão tentando criar uma nova política dos escombros do antigo e levará algum tempo até que uma linha mais clara se torne aparente. O fato é que com a unificação da maioria das milícias jihadistas na Síria, o Exército

ca está ocorrendo exatamente no momento em que o chamado comitê constitucional designado pelas Nações Unidas está tentando elaborar uma nova constituição síria sobre a cabeça do povo. Após oito anos de guerra sangrenta, a destruição e pilhagem econômica do país e a expulsão de grande parte do país população da Síria, eles agora querem tentar novamente acabar com o conflito redividindo a Síria de acordo com seus interesses. Segundo suas ideias, a visão de uma Síria democrática, sagrada e federal deve não ocupar um lugar nessas negociações.

O sistema do Confederalismo Democrático tem o potencial de criar uma unidade entre os povos que daria fim de uma vez por todas à política secular de divisão e dominação. Por isso é necessário destruir a revolução ou forçá-la a se render. Mesmo com tudo o que tentaram impor à revolução nos últimos anos, as pessoas aqui continuaram a seguir sua própria linha. A revolução se fortaleceu militarmente, a construção econômica e social foi avançando ainda mais, e a revolução desenvolveu sua própria diplomacia independente e política externa, o que fez dela um forte fator de potência na região e no mundo. Os povos não se curvaram aos ditames imperialistas que estão tentando hoje trazer a revolução de joelhos com a ajuda da Turquia. O fascismo turco é apenas o martelo com o qual eles tentam esmagar a revolução, mas as mãos que carregam o martelo são diferentes.

Desde o início da guerra civil síria, os EUA e a OTAN sempre confiaram em grupos jihadistas sunitas e os apoiaram diplomática, financeira e militarmente. A maior parte do Exército Nacional Sírio, que hoje está organizado como grupos jihadistas, tiveram treinamento nos últimos anos através dos inúmeros programas da CIA e do Pentágono. O fato de que os EUA abriram caminho para a invasão turca poderia ser o primeiro sinal de que os EUA poderiam retornar à sua antiga política síria de antes de 2014. Diante do esmagamento quase completo da FSA formada pela OTAN e pelos regimes reacionários do Golfo, a ascensão do incontável estado Islâmico e uma influência cada vez mais forte do Irã, do Hezbollah, do eixo xiita, os EUA se viram forçados a mudar de rumo e

Se Trump conseguir passar por isso, o autor alertou também dezembro passado,

“toda a era pós-Guerra Fria da hegemonia militar dos EUA terminou e estamos entrando em uma era multipolar na qual os tiranos governarão etno-estados autoritários sectarizados: pense na Europa antes da Primeira Guerra Mundial. Os liberais e neoconservadores que preferiram a hegemonia americana estão de luto a passagem de uma era que foi um pesadelo ensopado de sangue para milhões. Os esquerdistas (e anarquistas?) que imaginam que essa transição poderia ser uma boa notícia são tolos lutando contra o inimigo de ontem e a guerra de ontem, sem reconhecer os novos pesadelos que surgem ao seu redor. A coalizão vermelho/marrom de fato de socialistas e fascistas autoritários que celebram a chegada desta nova era está nos apressando para um admirável mundo novo, no qual cada vez mais o mundo se parecerá com as piores partes da Síria guerra civil.”

Todos os povos, movimentos sociais e todas as pessoas de boa fé devem se mobilizar imediatamente para impor consequências à Turquia por esse ataque odioso e espalhar uma visão de futuro sem tirania ou guerra. Se não o fizermos, as consequências serão horríveis.



Ato em Fortaleza, novembro de 2019, contra a invasão turca em Rojava.

DIA MUNDIAL DE RESISTÊNCIA POR ROJAVA

2 de novembro de 2019 - riseup4rojava.org

Às 16 horas do dia 9 de outubro, o exército de ocupação turca e seus aliados islamitas começaram sua guerra de agressão há muito preparada contra as áreas libertadas do norte da Síria.

Às quatro horas da tarde em ponto, choveram bombas sobre as pessoas das cidades e vilarejos da fronteira. As milícias jihadistas começaram seu avanço sob a liderança do exército turco e tentaram penetrar na área de fronteira. A Turquia está falando de uma “operação militar” destinada a “proteger a fronteira” e o estabelecimento do chamado “corredor da paz”, mas o fato é que o exército turco e os mercenários islamitas sob seu comando preocupam-se apenas com a ocupação da área inteira povoada principalmente por curdos ao longo da fronteira entre a Turquia e a Síria. O regime em Ancara fala da “luta contra o terrorismo” e enfatiza que sua guerra de agressão não se trata da guerra contra a população civil, mas os bombardeios indiscriminados contra assentamentos civis, saques e deportações em massa de centenas de milhares de pessoas, execuções arbitrárias e o sequestro brutal de centenas de civis mostram uma mensagem diferente. Quanto mais a guerra contra o norte da Síria avança, mais fica claro o que Erdogan realmente quer: a limpeza étnica através da violenta expulsão de milhões de pessoas e da mudança demográfica a longo prazo de toda a região.

No norte da Síria, à sombra da guerra civil síria, um projeto social revolucionário e democrático prosperou nos últimos sete anos, sendo um espinho para as potências e estados imperialistas da região desde o início. As sociedades do nordeste da Síria estabeleceram seu próprio autogoverno e criaram um oásis de paz, baseado na coexistência igual de todos os grupos da população local, na libertação das mulheres, na

ca dessa guerra e não apenas tenta explicar as etapas dos estados com condições econômicas de curto e médio prazo e interesses políticos de poder. As várias potências capitalistas podem ter interesses conflitantes, mas têm um interesse estratégico comum contra a revolução.

Na análise tática, falamos de três forças básicas em solo: a intervenção dos poderes imperialistas; o poder do status quo, isto é, os regimes regionais; e, em terceiro lugar, as forças democráticas do Oriente Médio – as mulheres, os jovens, os povos oprimidos e grupos religiosos, os trabalhadores da região. A revolução do nordeste da Síria hoje representa a vanguarda das forças revolucionárias democráticas de toda a região. Embora fosse possível sufocar o levante revolucionário de 2011 em sangue, a revolução aqui representa a continuação direta dos levantes da Primavera dos Povos Árabes. Portanto, se analisarmos taticamente, temos que fazer distinções claras entre cada um dos poderes e seus interesses para usá-los em proveito da revolução. Mas se olharmos a situação estrategicamente, teremos que perceber que não existem três linhas, mas apenas duas. As linhas entre modernidade democrática e modernidade capitalista, entre socialismo e capitalismo, entre revolução e contrarrevolução.

Se considerarmos a revolução no Oriente Médio como um todo, a federação democrática em Nordeste da Síria em particular e seus objetivos de estabelecer uma república independente e democraticamente federada na Síria como os maiores obstáculos para os imperialistas na região, talvez as ações supostamente caóticas do governo Trump possam ser muito melhor explicadas. Talvez algumas medidas que os EUA estejam jogando atualmente nas mãos da Rússia, talvez ajudem também o regime sírio a se fortalecer novamente – mas o que conta é o enfraquecimento da revolução. Hoje, nenhum passo é dado pelos EUA, Rússia ou Turquia sem uma coordenação entre eles. Existe um amplo consenso entre eles de que o status político e o peso da revolução nas negociações para uma solução política para a questão síria deve ser enfraquecido. Portanto, não é por acaso que a guerra de agressão tur-

Em suma, podemos dizer que, com o início da guerra de agressão turca, uma nova fase começou para o processo revolucionário no nordeste da Síria. Durante muito tempo, o movimento pela liberdade e suas várias organizações e órgãos têm falado sobre uma “conspiração internacional” contra o movimento de liberdade do Curdistão e especialmente contra a Revolução de Rojava. As tentativas de ocupação e ataques direcionados no Curdistão do Sul, a guerra em curso de aniquilação no Norte do Curdistão e na Turquia e, finalmente, a invasão de Rojava fazem parte de um mesmo conceito e não podem ser considerados separadamente um do outro. A invasão do solo que agora começou representa apenas o último estágio do que os inimigos da revolução tentam implementar por anos, às vezes com embargo, às vezes com influência política e às vezes com direta força militar. A guerra contra a revolução do nordeste da Síria e do Oriente Médio não apenas começou dia 9 de outubro de 2019, mas continua inabalável por décadas nos setores econômico, social, político e níveis militares. A fase é definida por que aspecto dessa guerra se torna dominante e quais métodos de resistência são encontrados para responder a ela.

É claro que hoje pode ser difícil entender a situação aqui e no mundo. O caos que podemos ver diante de nós é a expressão concreta do que o movimento tem há muito tempo chamando e analisando como a 3ª Guerra Mundial. Hoje não há poder imperialista que não esteja representado, de uma maneira ou de outra, em solo sírio e não participa da competição pela redivisão do Oriente Médio. Se tentarmos hoje avaliar a situação político-militar apenas com base nos interesses e posições das potências imperialistas e dos regimes regionais, será muito difícil entendermos a situação real. Para realmente entender os acontecimentos em profundidade, e para entender corretamente o significado da palavra “conspiração internacional”, é necessário, acima de tudo, não ignorar a própria revolução em Rojava, como um fator independente, em meio à luta pelo poder dos governantes. Isto é necessário desenvolver uma abordagem ideológica que consiga compreender a dimensão estratégi-

economia ecológica e na democracia radical. A Federação Democrática do Nordeste da Síria se tornou um exemplo vivo de um futuro pacífico e democrático para o Oriente Médio, além do despotismo local e do domínio estrangeiro. Finalmente, as forças de defesa dos povos do nordeste da Síria, as Forças Democráticas da Síria, conseguiram esmagar os últimos remanescentes do califado turco do Estado Islâmico.

Hoje, milícias islamitas, a maioria combatentes do Estado Islâmico e da Al-Qaeda, estão avançando novamente com a ofensiva de ocupação turca no norte da Síria e espalhando medo e terror. Os estados da Coalizão Internacional, sobretudo os Estados Unidos, abriram o caminho para a guerra de agressão turca com sua retirada coordenada de tropas. Eles entregaram seus ex-aliados à destruição e sacrificaram os povos do nordeste da Síria por seus interesses sujos. Os estados do mundo concordaram em fechar os olhos enquanto o exército de ocupação turca e seus jihadistas estão cometendo um genocídio com armas da OTAN.

Mas não ficaremos de prontidão e testemunharemos em silêncio os massacres que hoje ocorrem aos olhos do mundo. Somente um amplo e resistente movimento anti-guerra irá parar esta agressão. Assim como as pessoas estavam despejando ruas nas ruas contra a Guerra do Vietnã ou a invasão do Iraque pelos EUA em 2003, a consciência da humanidade deve se revoltar hoje em face da barbárie turca no norte da Síria.

Em 1º de novembro de 2014, milhões de pessoas em todo o mundo foram às ruas por um dia para expressar sua solidariedade à heróica resistência de Kobane. Apelamos para que o dia 2 de novembro de 2019 ano seja um dia de resistência global contra a Guerra de Agressão da Turquia, para quebrar a situação normal e paralisar a vida. Participe de ações criativas e diversas de desobediência civil, manifestações e muito mais, e assuma as ruas e espaços públicos. Enquanto a matança continuar, a resistência não deve parar. A revolução no nordeste da Síria prevalecerá, o fascismo será esmagado!

Riseup4rojava.org | @RISEUP4ROJAVA | fb.com/riseup4rojava

Chamado para a ação: Solidariedade a Rojava – contra a invasão turca!

Uma Apelo Urgente de Organizações Internacionais (<http://cwc.im/ChamadoRojava>)

Em 6 de outubro, o governo Trump anunciou que estava retirando tropas dos EUA do norte da Síria, dando ao presidente turco Recep Tayyip Erdogan a luz verde para invadir Rojava, realizar uma limpeza étnica e se reinstalar à força a na região. Chamamos pessoas de todo o mundo para se envolver em protestos e/ou bloqueios em consulados turcos, escritórios do governo dos EUA, fabricantes de armas e negócios relacionados ao governo turco, como a Turkish Airlines.

Desde 2012, a região autônoma de Rojava abriga um experimento multiétnico inspirador de autodeterminação e autonomia das mulheres, envolvendo uma rede de conselhos, comunas e cooperativas, enquanto luta contra o Estado Islâmico (ISIS). Após anos de luta, apesar de perderem mais de 10 mil combatentes, os povos de Rojava participaram da libertação de todo o território que o ISIS havia ocupado e da libertação dos que haviam sido mantidos em cativeiro nas fortalezas do ISIS.

Em uma tentativa de justificar a permissão para a Turquia invadir a Síria, Trump twittou que os contribuintes dos EUA não deveriam pagar para manter os combatentes do ISIS detidos. De fato, os EUA não pagaram um centavo para deter combatentes do ISIS capturados: tudo foi completamente organizado pelas Forças Democráticas da Síria (SDF). A realidade é que a invasão turca do território curdo criará as condições para o ISIS ressurgir e retomar as operações na Síria e em todo o mundo. Durante anos, a Turquia permitiu que armas, recrutas e recursos chegassem ao ISIS através de suas fronteiras.

Tanto o ISIS quanto a invasão turca representam uma ameaça

população na área da fronteira ficou para trás. Mas apesar de tudo isso, os ocupantes turcos e suas gangues de assassinatos jihadistas não pararam sua ofensiva por um único dia. Desde a conclusão do acordo, apesar de as Forças Democráticas Sírias (SDF) terem cumprido todas as condições, o ataques aéreos e terrestres continuaram sem interrupção. Especialmente as frentes do sul e oeste de Serekaniye, na direção das cidades Dirbesiye e Til Temir, e perto da cidade Ayn Issa, a capital da Federação Democrática, é repetidamente atingida por ataques violentos. A ocupação das forças atropelam todo acordo e todo cessar-fogo e não perdem a oportunidade para continuar expandir sua zona de ocupação. Onde os invasores continuam avançando contrariamente aos acordos ou onde a população civil se torna vítima de seus ataques, as forças democráticas da Síria contra-atacam com determinação e dentro da estrutura de seu direito à legítima defesa. Eles são apoiados muitas vezes também pelas federações do Exército Árabe Sírio, que já se tornaram dezenas de vezes o alvo dos ataques turcos.

Quem olha para a realidade aqui no chão e vê com seus próprios olhos os sacrifícios diários que são feitos e entende a farsa que os políticos ocidentais tagarelam, para dizer quão grandioso é sucesso do cessar-fogo e até elogiar a Turquia por seu compromisso com a preservação da paz. O cessar-fogo é e continua sendo apenas uma mentira mal contada, um jogo sujo e uma encenação falsa dos ocupantes e das potências imperialistas por trás deles desde o início. É claro que um cessar-fogo e uma solução política e pacífica para o conflito são preferíveis do que cada vez maiores derramamentos de sangue. Sendo assim, o movimento de libertação mostra naturalmente a disposição necessária para compromisso – mas nunca se deve colocar o destino nas mãos de seus próprios inimigos. Portanto, os preparativos para a defesa e a mobilização da população para a Guerra Popular Revolucionária continua firme no chão também. Pois ainda é verdade que a força real no solo determinará os resultados das negociações.

mou claramente que só poderia ser a zona entre Gire Spi e Serekaniye, os representantes da Turquia tentaram distorcer a percepção do público e falaram persistentemente de uma área de 440 km de extensão. Enquanto as lutas em Serekaniye e em todas as frentes continuavam com força inabalável, Erdogan estava cheio de ódio e ameaçou repetidamente a completa destruição da Federação e as negociações entre os imperialistas continuaram nos bastidores. A Rússia assumiu a direção e deveria completar o movimento inacabado dos Estados Unidos.

No dia 22 de outubro de 2019, o presidente russo Vladimir Putin convidou o ditador Erdogan para visitar o Kremlin. A agenda da reunião ficou clara desde o início e, portanto, Erdogan veio bem preparado e equipado com muitos mapas em mãos. Os dois poderes garantidores das negociações de Astana e, portanto, dos supostos cessar-fogo em Idlib sabia exatamente o que ambos esperavam das reuniões. Ao final, eles solenemente anunciaram um acordo que deveria impedir uma nova escalada do conflito. A Rússia também reconheceu de fato a legitimidade da presença turca no norte Síria e declarou a área entre Serekaniye e Girespi como outra zona de ocupação turca, junto com Afrin, Bab e Jarablus, a oeste do Rio Eufrates. De acordo com o acordo, as áreas entre oeste e leste deveriam ser colocadas sob o controle do policiamento militar russo e das unidades de patrulha fronteira da Síria após a retirada das Forças Democráticas da Síria. Patrulhas russo-turcas de reconhecimento, que podem avançar até 10 km para o interior por toda a área da fronteira, são coordenadas e realizadas para garantir e controlar a retirada completa das forças de defesa.

A fim de impedir novos massacres da população civil e impedir a limpeza étnica em toda a região, o Comando Geral das Forças Democráticas da Síria anunciou a retirada da área de fronteira sírio-turca até 30 km e tropas da guarda de fronteira do governo da Síria começaram a tomar suas posições. Enquanto todas as forças armadas regulares foram retiradas, unidades armadas locais de autoproteção da população, bem como as forças de segurança interna para defender os civis

existencial a todos os grupos étnicos e religiosos indígenas da região, incluindo árabes, cristãos (armênios, assírios, caldeus e sírios), turcomenos, chechenos, alevitas e yazidis. Muitos desses grupos ganharam voz em suas próprias vidas pela primeira vez, mas agora enfrentam massacres nas mãos dos militares turcos e dos jihadistas.

A invasão turca de Rojava cria um novo precedente para agressão militar, limpeza étnica e destruição de experimentos igualitários e feministas como o de Rojava. Ela prepara o terreno para mais derramamento de sangue e opressão em todo o mundo, abrindo caminho para autocratas etno-nacionalistas como Trump, Erdoğan, Bashar al-Assad, Jair Bolsonaro e Vladimir Putin dominarem a política mundial nas próximas gerações.

Durante meses, as pessoas em Rojava pediram solidariedade internacional em caso de invasão. Devemos chamar a atenção para a situação das pessoas em Rojava e divulgar que haverá consequências para isso.

Se calar é ser cúmplice!

Convocamos a todas as pessoas de boa consciência para que se envolvam em protestos e bloqueios nos consulados turcos, escritórios do governo dos EUA, fabricantes de armas e empresas ligadas ao governo turco, como a Turkish Airlines. O Comitê de Solidariedade de Rojava, Europa, juntou-se aos organizadores em Rojava, pedindo um dia de ação em 12 de outubro contra a invasão turca; apoiamos esta chamada e solicitamos novas ações antes e depois de 12 de Outubro.

Precisamos construir um contexto para uma ação direta de base ampla como um passo em direção à construção de um movimento global que possa impossibilitar tais atrocidades. Juntos, podemos parar a invasão.

Nos vemos nas ruas.

A Relevância da Invasão Turca

Abordando as duras questões sobre imperialismo e solidariedade

No panorama a seguir, abordamos algumas perguntas comuns sobre por que é importante se opor à invasão turca de Rojava e sugerimos uma análise do que isso significa para a política mundial.

Para aqueles que não seguiram os meandros da situação na Síria, Turquia e em todo o Curdistão, pode ser difícil entender o que está em jogo aqui. Temos a sorte de que alguns de nós passamos algum tempo em Rojava e nas regiões vizinhas. Estamos escrevendo com relativo conforto, longe dos massacres que os militares turcos estão promovendo, mas com nossos entes queridos em Rojava no centro de nossos pensamentos – junto com todas as pessoas que sofreram gravemente durante a guerra civil na Síria.

A guerra não envolve apenas bombas e balas. É também uma luta de narrativas envolvendo propaganda e controle de informações. O governo turco tem censurado reportagens, cortando o acesso à Internet e forçando as empresas de mídia social a silenciar suas vítimas; conseguiu até enganar alguns esquerdistas notáveis para legitimar sua agenda. Tudo o que temos para combater isso são nossas próprias experiências vividas, nossas conexões internacionais com outras pessoas comuns como nós e projetos de voluntariado como esta nossa plataforma de publicação que rejeita todas as agendas estatais e corporativas.

O momento da invasão da Turquia pode ter sido determinado em parte pela resposta de Donald Trump ao seu recém aberto inquérito de impeachment. Os presidentes dos EUA têm uma longa tradição de iniciar intervenções militares para distrair a atenção de questões domésticas. A versão Trump desta tradição é intencionalmente reacender uma guerra civil fingindo “acabar com ela”. Em todo o mundo, a extrema direita parece estar tentando cooptar a retórica “anti-guerra” da mesma

serviram apenas para apaziguar o público crítico, a pressão sobre Erdogan e Trump, no entanto, aumentou. Mesmo dentro do meio político americano, a posição de Trump tornou-se cada vez mais isolada e ele se viu confrontado com duras críticas do campo republicano também. Os regimes de Erdogan e Bahcelis foram responsáveis por uma guerra de agressão contrária ao direito internacional. Eles precisavam de explicações e tentavam desesperadamente legitimar seus próprios crimes com mentiras e guerra psicológica. Para se libertar dessa situação complicada e derrubar a indignação pública, o regime de Erdogan e o governo Donald Trumps desenvolveram um novo plano e anunciaram um cessar-fogo no nono dia da guerra.

Nesse momento, os imperialistas dos EUA atuaram como negociadores e patronos da Revolução no Nordeste da Síria, a Turquia mostrou misericórdia e proclamou em sua grande bondade a retirada das forças de autodefesa da faixa de 120 km entre Serekaniye e Gire Spi. Donald Trump se declarou ser o maior estrategista do Oriente Médio na história das Nações Unidas e até afirmou ter resolvido a questão curda. O que brilhou nas telas do mundo na noite de 17 de Outubro de 2019 não passou de uma peça de teatro barata que não tinha outro objetivo senão legitimar a ocupação turca. A zona de ocupação foi reconhecida como status quo e as forças de defesa, que eram a única força legítima na área, foram convocados a se retirar. Ao mesmo tempo, Trump e Erdogan conseguiram respirar um pouco diante do ataque crítico da opinião pública e a mídia começou a minimizar o assunto. A União das Comunidades do Curdistão (KCK), a maior rede de organizações do movimento de libertação curdo, declarou que o acordo entre Trump e Erdogan não tem legitimidade moral nem política e que a resistência é a única opção que permanece em vista da trama internacional tecida contra a Revolução de Rojava e suas realizações.

As forças de defesa da Federação Democrática receberam 120 horas para se retirar das áreas contestadas, embora os dados sobre a área em questão variem amplamente. Enquanto o governo autônomo afir-

Durante muito tempo, a Rússia seguiu a política de preparar o terreno para o ataque da Turquia na esperança de forçar a revolução do nordeste da Síria, enfraquecida pela luta contra os turcos ocupantes, capitular para Damasco. Enquanto a Federação Russa sabotou qualquer diálogo entre o regime do partido Baath (Síria) e o governo autônomo no passado, deixou espaço para diálogos iniciais com o início da invasão turca. Rússia esperavam encontrar condições de negociação favoráveis a seus interesses. A pressão interna sobre o governo sírio de Assad para conter a invasão turca no norte do país aumentou. No quinto dia da guerra, foi alcançado um primeiro acordo militar entre o governo central da Síria e Federação Democrática.

Enquanto a mídia ocidental já anunciava em voz alta o fim da revolução e o autogoverno popular, e jornalistas desesperados pelo medo do suposto avanço das tropas de Assad buscavam se afastar do local, o governo autônomo declarou que o acordo deveria servir à defesa comum do país. Antes que um novo diálogo político sobre o futuro da Síria possa ser conduzido, a unidade do território sírio deve antes de tudo ser garantido. Esse diálogo político não pode ser conduzido sob as condições de uma invasão estrangeira da Síria, por isso o fim da ocupação deve estar em primeiro lugar. Por esse motivo, o acordo militar não tem impacto na administração ou na vida da população civil, apesar da total posicionamento das tropas sírias ao longo de toda a fronteira com a Turquia. Uma rápida transferência de unidades do Exército Árabe da Síria levou algum tempo e ficou limitado por um longo período apenas a áreas ao sul da zona de 30 km.

Os estados europeus também começaram a se posicionar e, em alguns casos, condenaram verbalmente a invasão turca. Em última análise, porém, os estados da União Europeia não foram capazes de tomar medidas decisivas, como um embargo comercial ou de armas contra a Turquia. Os interesses dos principais exportadores, como a Alemanha, atrapalharam muito isso.

Embora permanecesse apenas palavras e promessas vazias que

maneira que se apropriou slogans “anti-globalização”, enquanto na verdade intensifica a agressão militar e o capitalismo. É o mesmo “isolacionismo” da direita mundial que vimos quando Hitler anexava territórios na Europa. Parece que progredimos muito rapidamente de repetir o início da década de 1930 para reencenar no final da década de 1930.

A traição do povo de Rojava é tão chocante que humilhou até muitos dos políticos americanos notavelmente sem vergonha. A menos que façamos uma pressão significativa por meio de ação direta disruptiva, prevemos que o governo dos EUA vá esperar até que a limpeza étnica de Rojava seja um fato consumado antes de fazer qualquer coisa em resposta. Aconteça o que acontecer, a invasão turca reacendeu uma guerra civil que estava chegando ao fim, garantindo muitos mais anos de derramamento de sangue por todo o Oriente Médio. Nenhum ser humano com o mínimo de empatia poderia apoiar isso.

“Anti-imperialistas não querem que os EUA se retirem da Síria?”

Apoiar a aparente retirada de tropas de Trump da Síria em nome do anti-imperialismo é tolice, se não for totalmente falso.

O envolvimento dos EUA na Síria parece muito diferente do que no Iraque e no Afeganistão. Mais de 100.000 soldados dos EUA ocuparam o Iraque por mais de meia década. Por outro lado, no máximo, houve apenas duas mil tropas americanas na Síria – menos de 2% do número enviado ao Iraque. Os soldados americanos na Síria desempenham um papel consultivo, realizando ataques aéreos, mas nunca assumindo o dever de combate na linha de frente.

Mesmo após o anúncio de Trump de que ele está retirando as forças armadas dos EUA da Síria, 1000 soldados americanos permanecerão no país. Abrir o caminho para a invasão turca aparentemente exigia mover apenas 50 militares das forças especiais – era apenas uma questão de

afastá-los do caminho das bombas turcas. De fato, as forças armadas dos EUA enviaram mais outras 14.000 tropas para o Oriente Médio desde maio, reforçando especificamente os destacamentos na Arábia Saudita. Não estamos vendo uma retirada de tropas – estamos vendo uma mudança de política no sentido de permitir o extermínio de projetos comparativamente igualitários, ao mesmo tempo em que apoiamos regimes mais autoritários com o aumento de tropas.

Portanto, os anti-imperialistas que veem isso como uma vitória contra o militarismo dos EUA são tolos, pura e simplesmente. Trump não fez nada para reduzir o império dos EUA. Ele simplesmente deu abertura para Erdoğan construir o império turco, para realizar uma limpeza étnica enquanto as tropas americanas observam. Isso não tem precedentes na história do imperialismo dos EUA.

Em outra ocasião, valeria a pena considerar a palavra “anti-imperialista” com mais detalhes. Muitas vezes vemos essa palavra empregada pelos partidários de algum império rival – normalmente Rússia ou China, mas não só eles. Podemos precisar usar uma palavra diferente para aqueles que são consistentes na oposição a todos os impérios, intervenções estatais e formas de poder hierárquico. Anti-colonial, por exemplo. Ou, para ser mais claro ainda, anarquista.

Durante anos, ouvimos estadistas de vários cantos da esquerda acusando anarquistas de serem ferramentas para o neoliberalismo, devido ao fato de nos opormos aos governos russo, chinês e nicaraguense, bem como ao governo dos Estados Unidos. Trata-se de insultos de má-fé feito por pessoas que podem ter uma culpa na consciência por seu próprio apoio incondicional a governos autoritários – da mesma forma que apoiadores de Trump gostam de alegar que George Soros, um bilionário judeu, está por trás da atividade anti-Trump enquanto eles bajulam a um bilionário de graça. É absurdo acusar os anarquistas de serem ferramentas do neoliberalismo por identificar as maneiras pelas quais a China e a Rússia participam do neoliberalismo; é duplamente absurdo acusar os anarquistas de serem ferramentas do imperialismo

va e as forças democráticas da Síria permaneceram unidos contra todos os ataques e ofereceram uma resistência histórica. O inimigo não esperava tal resistência feroz e essa determinada resistência da população e suas forças defensivas fizeram barrar o avanço do exército ocupante.

O regime em Ancara esperava levar Gire Spi e Serekaniye de uma só vez e depois voltar para as demais áreas de Rojava. Confrontados com sua própria derrota e furiosos com a determinação ininterrupta dos povos do nordeste da Síria, eles atacaram a população civil brutal e barbaramente. Ataques aéreos e artilharia foram usados para massacrar centenas de civis. Dezenas de pessoas foram queimadas vivas no fósforo branco disparado em Gire Spi e Serekaniye. Inúmeras pessoas ficaram feridas e mutiladas. Mas, apesar de todas as adversidades, a pequena Serekaniye ofereceu resistência heróica por 12 dias.

Uma pequena cidade de apenas 30.000 habitantes, combatendo o segundo maior exército da OTAN, com todas as suas tecnologia avançada de guerra e poder de fogo, forçaram o regime fascista de Erdogan a tropeçar e se desesperar. Isolada de alimentos e suprimentos médicos suficientes, equipados apenas com armas leves e escassas munições, algumas centenas de homens e mulheres corajosos resistiram à invasão. Os defensores de Serekaniye escreveram na história um épico de resistência que nunca será esquecido.

No entanto, quanto mais os ataques bárbaros dos invasores fascistas contra a Federação Democrática do Nordeste da Síria duraram, mais o mundo via seus crimes com toda a clareza. As imagens das execuções de civis indefesos, entre os quais a política curda-síria Hevrin Khelef, divulgada na mídia internacional, causaram horror. Os gritos dos filhos queimados de Serekaniye ecoaram em todo o mundo, expondo a “Operação Primavera de Paz” da Turquia aos olhos progressistas da humanidade. Os protestos internacionais começaram a crescer e pouco a pouco os estados-nação da Europa e também as potências imperialistas mundiais, sob a pressão de seu próprio povo, viram-se forçadas a posicionar-se. A Rússia também teve que agir nessa situação.

Planos Imperialistas, Jogos Diplomáticos, Resistência Revolucionária – Um retrato atual da invasão turca em Rojava

Uma análise da situação atual da Comuna Internacionalista de Rojava – dezembro de 2019

Em 09 de outubro, a Turquia iniciou sua guerra de invasão e agressão anunciada há muito tempo contra os territórios liberados do nordeste da Síria. Depois que os Estados Unidos da América confirmaram os planos de ocupação do Com o regime AKP-MHP com sua retirada apressada de tropas, as primeiras bombas aéreas choveram sobre as cidades e vilas de Rojava às 16 horas, horário local. O exército fascista de ocupação turca e suas tropas auxiliares jihadistas islâmicas se puseram em marcha sob a cobertura da artilharia turca em ataques contínuos e atravessaram a fronteira na mesma noite. O avanço das tropas de ocupação concentrou-se principalmente nas áreas em torno das duas cidades de Gire Spi (Tel Abyad) e Serekaniye (Ras-al-Ain).

Mas o ataque não foi nem um pouco limitado à pequena faixa entre as duas cidades. Aldeias e vilas ao longo de toda a linha de fronteira tornaram-se alvos de artilharia turca e ataques aéreos. Estratégia da Turquia foi clara desde o primeiro momento da guerra. Os primeiros ataques, que ocorreram ao mesmo tempo em toda a fronteira, atingiram e amedrontaram toda a população civil. A vida foi paralisada e milhares de pessoas forçadas a fugir. Depósitos e celeiros de alimentos, padarias, estações de tratamento de água, estações de bombeamento, hospitais e outras infraestruturas críticas foram alvo. Mas onde quer que os agressores fascistas ousassem entrar no solo livre de Rojava, seus ataques eram respondidos com violentos ataques de retaliação. O povo de Roja-

por criticar os EUA por darem permissão a Erdoğan para invadir Rojava.

O fato de que algumas pessoas que se opõem ao intervencionismo americano possam ser levadas a virar torcida quando o governo dos EUA dá a outro governo autoritário a luz verde para matar milhares de pessoas ilustra o que acontece quando alguém oportunamente baseia sua política em fatores incidentais, como a oposição a um império predominante em particular, e não em princípios éticos, como oposição a todas as formas de dominação.

“Os curdos são apenas cúmplices para os EUA?”

O fato de o governo dos EUA ter traído tão prontamente o povo de Rojava acaba com a alegação de que eles são apenas peões em uma estratégia dos EUA. Os militantes de Rojava seguiam a mesma agenda de autodeterminação multiétnica por muitos anos antes de os EUA acharem conveniente apoiar sua luta contra o Estado Islâmico.

Deveríamos culpar grupos como o Partido da União Democrática (PYD) em Rojava pela coordenação com os EUA? Anarquistas em Rojava argumentaram que as pessoas de lá foram forçadas a escolher entre serem massacradas pelo Estado Islâmico e trabalhar com o governo dos EUA. Considerando que eles foram quase conquistados pelo Estado Islâmico em 2014, é difícil argumentar sobre isso.

Quando analisamos o problema em uma escala individual, hesitamos em culpar uma mulher que, não estando conectada a uma comunidade solidária, liga para a polícia quando ela é atacada. É improvável que a polícia a ajude, é claro – e confiar na polícia apenas reproduz os fatores estruturais que causam pobreza e violência. Mas, se queremos que as pessoas adotem nossa total oposição ao policiamento, precisamos oferecer a elas melhores opções.

Da mesma forma, se quisermos viver em um mundo em que pessoas em lugares como Rojava não receberão o apoio do governo dos EUA, teremos que oferecer alternativas credíveis por meio de

movimentos sociais e campanhas de solidariedade internacional. Os anarquistas vêm procurando maneiras de fazer isso há anos. No momento, isso significa fazer todo o possível para impor consequências à Turquia e aos EUA por essa invasão.

“Os curdos apoiam o sionismo e a islamofobia?”

Uma das principais características do experimento social que surgiu em Rojava nos últimos anos é que, em contraste com as várias formas de nacionalismo étnico e religioso tão prevalentes na região, ele é multiétnico e inclusivo. Uma parte significativa das Forças Democráticas da Síria (SDF) em Rojava é muçulmana. Pode ser atraente para alguns islamofóbicos dos EUA apoiarem a resistência curda ao Estado Islâmico enquanto os EUA a apoiam, mas não devemos culpar o povo de Rojava por isso.

O governo regional do Barzani no Curdistão (KRG) no Iraque mantém historicamente boas relações com a Turquia e Israel, mas diferentes partidos curdos têm agendas muito diferentes. Há muitas críticas justas a serem feitas ao PYD, SDF e outras estruturas em Rojava, mas é forçar a barra acusá-las de serem sionistas. Pelo contrário, em geral, eles merecem crédito por não serem pró-sionistas nem anti-judeus em uma região onde tantos atores são um ou outro.

Embora existam elementos nacionalistas em alguns dos movimentos e estruturas curdos de Rojava, eles não são tão etnocêntricos quanto muitas das outras correntes nacionalistas da região. De qualquer forma, não precisamos endossá-las para snose opor à invasão turca.

“Os curdos traíram a Revolução Síria?”

Como anarquistas, consideramos que os apoiadores de Assad estão num nível abaixo do desprezível. Aqueles que explicam a revolta original contra o regime de Assad como uma operação da CIA são teóricos da



Embaixada da Turquia em São Paulo, outubro de 2019, pela campanha Riseup4Rojava.: “Nem um minuto de silêncio, toda uma vida de combate!”

Traduzido textos escritos e traduzidos por Riseup4Rojava, Faccção Fictícia e CrimethInc. Se aproprie e difunda, citando ou não a fonte.

CHAMADO DE AJUDA | 02/11/2019

Por mais de 7 anos, a revolução de Rojava vem construindo esperança, esperança para as mulheres, esperança para a sociedade, esperança para a natureza, esperança para a vida, esperança pela liberdade

Fora das cinzas da guerra contra o ISIS, o povo do norte da Síria tem dado o exemplo da humanidade Criando uma sociedade de unidade na diversidade, uma sociedade para pôr fim a toda opressão. Mas agora Rojava está sob ataque. Sua revolução está ameaçada, e é nosso dever defendê-la.

O Estado Turco arma, controla e envia grupos jihadistas, que estão cometendo limpeza étnica, execuções sumárias de civis e outros crimes de guerra. A ameaça cresce a cada dia e precisamos da sua ajuda para resistir a ela.

Precisamos de médicos e profissionais da saúde. Precisamos de defensores dos direitos humanos, Jornalistas e cineastas, precisamos de amigos prontos para defender esta revolução.

Venha nos apoiar, venha lutar por um futuro melhor, venha construir um mundo melhor.

Porque a escuridão pode parecer impenetrável, mas a luz é mais forte

Agora é o momento, amigos, de se levantar

Levantar-se por Rojava

Riseup4rojava.org | @RISEUP4ROJAVA | fb.com/riseup4rojava

conspiração que negam a agência dos participantes de base. Abençoar a tirania com o nome “socialismo” e justificar a violência do Estado com base na soberania legítima é assumir uma postura de lambe-botas. A revolta na Síria, originalmente, foi uma resposta à opressão estatal, assim como as revoltas na Tunísia e no Egito. Afirmamos o direito dos oprimidos de se revoltarem mesmo quando parece não haver esperança de sucesso. Se não fosse por essa coragem dos povos, a humanidade ainda estaria vivendo sob monarcas hereditários. Por falta de mais coragem, nossas sociedades estão mergulhando fundo na tirania mais uma vez.

Guiados pelas experiências daqueles que participaram do levante original na Síria, podemos aprender muito sobre os perigos do militarismo na luta revolucionária. Depois que o conflito com o governo de Assad passou de greves e subversão para violência militarizada, aqueles que eram apoiados por atores estatais ou institucionais conseguiram um lugar central como protagonistas; poder coletado nas mãos de islamitas e outros reacionários. Como os anarquistas insurrecionários italianos argumentaram, “a força da insurreição é social, não militar”. O levante não se espalhou rápido o suficiente para se tornar uma revolução. Em vez disso, transformou-se em uma terrível guerra civil, encerrando a chamada “Primavera Árabe” e com ela a onda mundial de revoltas.

O fato de o levante na Síria ter terminado em uma horrível guerra civil não é culpa daqueles que arriscaram tudo para resistir ao regime de Assad. Mais uma vez, mostra que não fomos corajosos ou organizados o suficiente para apoiá-los adequadamente. O resultado infeliz da revolta síria ilustra as consequências desastrosas de contar com governos e estados como os EUA para apoiar aqueles que se defendem contra opressores e agressores. A atual invasão turca confirma essa mesma coisa.

Algumas pessoas fora da Síria também culpam os curdos por esse fracasso. Parece hipócrita quando alguém que não foi à Síria participar da luta acusa os curdos de terem ficado de fora da primeira fase dos

levantantes. As únicas pessoas de quem essa acusação carrega algum peso são as que participaram da primeira fase do levante sírio.

Somos solidários com essa frustração que ouvimos de refugiados sírios. Aprendemos muito com os sírios que assumiram riscos corajosos na revolução e foram obrigados a fugir pela rota dos Balcãs, ficando presos em lugares como Grécia e Eslovênia. Muitos refugiados sírios contribuíram admiravelmente para as lutas sociais nesses países – apesar de não estarem lá por opção, apesar da xenofobia e opressão diárias que enfrentaram. Muitos deles foram encarcerados ou deportados por regimes racistas nas fronteiras.

De onde estamos situados, não é fácil julgar as decisões dos membros de uma minoria oprimida na Síria, longe da maior parte dos combates no início da revolta, que historicamente tem sido traída repetidamente por outros grupos na região. Talvez, se os curdos e outros em Rojava arriscassem imediatamente tudo na luta contra Assad, poderia ter sido diferente. Se isso for verdade, a lição desta tragédia é que é crucial construir confiança e solidariedade através de linhas étnicas e religiosas antes que a revolta comece. Esta é mais uma razão para nos preocuparmos com o destino dos vários grupos étnicos no lado mais fraco da invasão turca no momento.

Infelizmente, é possível que, mesmo que a revolta tivesse derrubado Assad, a Síria estaria um pouco melhor hoje – veja o Egito, a Líbia e a Tunísia. Em vez de simplesmente substituir um governo por outro, a coisa mais importante que podemos esperar realizar na luta é abrir espaços autônomos de autodeterminação e solidariedade nos quais as pessoas podem explorar diferentes maneiras de se relacionar. Até certo ponto, o experimento em Rojava conseguiu isso.

Mas mesmo se as pessoas em Rojava hoje fossem de alguma forma responsáveis pelo fracasso da revolta síria, elas mereceriam ser massacradas por isso? Não, eles não mereceriam.

7. O lado turco expressou seu compromisso de garantir a segurança e o bem-estar dos residentes de todos os centros populacionais da zona segura controlada pelas Forças Turcas (zona segura) e reiterou que o máximo cuidado será exercido para não causar danos aos civis e infraestrutura civil.

8. Ambos os países reiteram seu compromisso com a unidade política e a integridade territorial da Síria e com o processo político liderado pela ONU, que visa acabar com o conflito na Síria, de acordo com a Resolução 2254 do CSNU.

9. As partes concordaram com a importância e funcionalidade contínuas de uma zona segura, a fim de abordar as preocupações de segurança nacional da Turquia, incluir o recolhimento de armas pesadas do YPG e a desativação de suas fortificações e todas as outras posições de combate.

10. A zona de segurança será aplicada principalmente pelas Forças Armadas da Turquia e os dois lados aumentarão sua cooperação em todas as dimensões de sua implementação.

11. O lado turco fará uma pausa na Operação Primavera da Paz para retirar todo o YPG da zona segura dentro de 120 horas. A Operação Peace Spring será interrompida após a conclusão desta retirada.

12. Depois que a Peace Spring entrar em pausa, os EUA concordam em não aplicar mais sanções sob a Ordem Executiva de 14 de outubro de 2019, Bloqueando propriedades e suspendendo a entrada de certas pessoas que contribuem para a situação na Síria e consultam o Congresso, de modo apropriado, para sublinhar o progresso que está sendo realizado para alcançar a paz e a segurança na Síria, de acordo com a Resolução 2254 do CSNU. Depois que a Operação Peace Spring for interrompida conforme o parágrafo 11, as sanções atuais sob a Ordem Executiva acima mencionada serão suspensas.

13. Ambas as partes se comprometem a trabalhar juntas para implementar todas as metas descritas nesta Declaração.

Desenvolvimento de conexões internacionais com movimentos sociais do outro lado das linhas de batalha na Turquia e na Rússia e em todo o mundo a desde o Equador até a África do Sul, é uma parte essencial disso. Isso não é apenas uma questão de sucesso a longo prazo, mas também de fazer tudo o que pudermos para realizar ações de solidariedade disruptivas agora.

Apêndice: O texto do acordo entre a Turquia e os EUA sobre o suposto “cessar-fogo”:

17 de outubro de 2019

DECLARAÇÃO COMUM TURCO-EUA SOBRE O NORDESTE DA SÍRIA

1. Os EUA e a Turquia reafirmam seu relacionamento como membros da OTAN. Os EUA entendem as preocupações legítimas de segurança da Turquia na fronteira sul da Turquia.

2. A Turquia e os EUA concordam que as condições no terreno, especialmente no nordeste da Síria, requerem uma coordenação mais estreita com base em interesses comuns.

3. A Turquia e os EUA continuam comprometidos com a proteção dos territórios e populações da OTAN contra todas as ameaças, com o sólido entendimento de “um por todos e todos por um”.

4. Os dois países reiteram seu compromisso de defender a vida humana, os direitos humanos e a proteção das comunidades étnicas religiosas.

5. A Turquia e os EUA estão comprometidos com as atividades do D-ISIS / DAESH no nordeste da Síria. Isso incluirá a coordenação de instalações de detenção e pessoas deslocadas internamente em áreas anteriormente controladas pelo ISIS/DAESH, de modo apropriado.

6. A Turquia e os EUA concordam que as operações de combate ao terrorismo devem atingir apenas terroristas e seus esconderijos, abrigos, instalações, armas, veículos e equipamentos.

“Mas vi em algum lugar na Internet que ‘os curdos’ estão envolvidos na limpeza étnica? Eles não estão mantendo pessoas em campos de detenção?”

Onde quer que haja prisões – em qualquer lugar que exista um sistema penal – há opressão. Nós somos abolicionistas penais; não apoiamos qualquer tipo de encarceramento. Ao mesmo tempo, existem milhares de assassinos em massa entre os cativos do ISIS que certamente estão determinados a retomar a matança assim que estiverem livres. Isso representa uma situação difícil para todos que esperam ver reconciliação multiétnica e coexistência pacífica na região.

De qualquer forma, havia prisões no Iraque em 2003 – e isso não nos impediu de protestar para que Bush não invadisse o Iraque. Não precisamos endossar tudo o que o SDF ou a PYD está fazendo para se opor à agressão militar da Turquia – um estado mais prisional.

Da mesma forma, vimos relatos de violência em Rojava sob a atual “auto-administração”. Não consideramos Rojava uma utopia; como anarquistas, também temos críticas a fazer sobre as estruturas políticas de lá. Mas temos que ver as coisas na proporção adequada. Em relação à brutalidade praticada pela maioria dos outros atores da região – especialmente ISIS, Turquia e Assad – o SDF e grupos relacionados em Rojava foram, comparativamente, muito restritos.

A detenção de combatentes do ISIS junto com mulheres e crianças do Estado Islâmico não é a pior coisa que poderia ter acontecido. Pelo que alguns de nós ouvimos em Rojava durante a fase final da luta contra o território do Estado Islâmico, as únicas pessoas em todo o mundo que queriam tirar prisioneiros do ISIS das mãos do SDF eram milícias xiitas iraquianas. Por volta da época da tomada de Baghouz, eles estavam oferecendo dinheiro e armas ao SDF em troca de combatentes do ISIS iraquianos capturados na esperança de se vingar violentamente deles. Para seu crédito, a SDF se recusou a entregar os cativos.

Isso não é tentar legitimar a prisão, mas enfatizar a intensidade de conflitos e ódio na Síria e no Iraque depois de tanta guerra. Muitos desses prisioneiros provavelmente teriam sido executados em pouco tempo pelos governos sírios ou iraquianos, ou torturados lenta e metodicamente pelas milícias xiitas, em vez de receberem comida e cuidados médicos como estão em Rojava. De fato, alguns na região criticaram o SDF por serem muito brandos com esses prisioneiros. Se a Turquia ou seus representantes mercenários sírios permitirem aos detidos do ISIS escapar e retomar suas atividades anteriores, todos os que argumentaram a favor da execução dos cativos se sentirão vingados.

Para os abolicionistas penais e para qualquer pessoa que queira ver a paz no Oriente Médio, a principal prioridade agora é interromper a invasão turca. Não precisamos legitimar nenhuma política SDF específica para fazer isso.

“Mas a Turquia diz que as organizações em Rojava são terroristas e afirmam ser ameaçadas por elas.”

É absurdo argumentar que pessoas comuns na Turquia foram realmente ameaçadas pelo experimento em Rojava. As forças armadas dos EUA já haviam concordado em supervisionar patrulhas por toda a fronteira – e muitas das pessoas do outro lado da fronteira são curdas e têm muito em comum com as pessoas em Rojava. Um Rojava livre não ameaça o povo turco; ameaça o regime de Erdogan e a opressão que o povo curdo enfrenta na Turquia. É uma guerra etno-nacionalista, simplesmente.

Existe uma luta violenta na Turquia entre o estado turco e movimentos curdos e grupos armados há décadas. Erdogan acredita que ele pode manter a supremacia pela força de armas, tanto na Turquia quanto contra os países vizinhos, continuando um legado que inclui o genocídio sistemático de mais de um milhão de armênios há exatamente um século.

que estou me referindo a Munique em 1938 – é que nesse acordo ninguém perguntou à Tchecoslováquia o que eles pensavam sobre isso; ninguém os trouxe para a mesa. Não que eu concorde com a representação em primeiro lugar, mas mesmo para a maioria das pessoas que reconhecem a democracia como a ordem ou sistema representativo legítimo – mesmo os representantes democráticos da Tchecoslováquia não foram trazidos à mesa em Munique, assim como não foram levados para Ancara ontem. Ninguém dos curdos ou sírios, armênios, assírios ou outras pessoas que moram aqui foi consultado.

[Interrupção.] Eles trouxeram outro cadáver do front. [Gritos ao fundo.] Este foi claramente atingido por um ataque aéreo... OK, foi um camarada. Este não foi o primeiro de hoje, nem o segundo.

Então, voltando à análise da situação: vejo uma conexão muito direta com esses eventos da história, com as pessoas mais afetadas e que vivem nessas áreas sem voz e sem meios de resistência em suas próprias mãos. Nenhum dos meios que tínhamos até agora era perfeito, para começo de conversa. Considerar esse tal “cessar-fogo” como qualquer tipo de progresso é realmente exagerado e hipócrita.”

Toda essa tragédia apenas confirma que nenhum governo – nem os EUA, nem a Rússia, nem a Síria, nem a Turquia, nem qualquer governo estatal que poderia ter chegado ao poder se a revolução síria tivesse sido bem-sucedida – pode ser confiável para cuidar dos seres humanos que sempre sofrem mais como consequência da política e do militarismo. Movimentos sociais autônomos, baseados em princípios de autodeterminação e solidariedade, são a única maneira confiável de se opor à agressão militar e apoiar lutas pela libertação em todo o mundo. Precisamos tornar nossos movimentos poderosos o suficiente para poder alavancar uma ameaça real a governos e empresas que são cúmplices de invasões como a que a Turquia está realizando.

fascista administrada por Jozef Tiso; e o resto do que restava da Tchecoslováquia, a Morávia Boêmia, seria ocupado pela Alemanha enquanto algo como um protetorado, mas não formalmente anexado como parte da Alemanha.

O que eu vejo acontecendo aqui é que temos Erdogan como Hitler, temos Trump como Chamberlain – ou talvez mais como Mussolini, na verdade, o grande capitalista/fascista idiota que comanda seu país. O regime de Bashar al-Assad é como uma Eslováquia mais forte, liderando a seção fascista do que formará outra parte da Síria “segura”; e os Sudados seria o que a Turquia reivindica por sua “zona segura”. Mas, em vez de chamá-lo de Acordo de Munique, eles o chamam de “cessar-fogo”. Isso significa que as pessoas do local, a menos que sejam árabes ou turcos jihadistas, serão removidas ou “limpadas”. Ou então, viverão em condições extremamente terríveis e muitas serão mortas. Haverá atrocidades, como aconteceu em Afrin e em muitos lugares antes.

É isso que vai acontecer, essa é a questão desse glorioso cessar-fogo supostamente “salvará a civilização”. Ele legitima a invasão turca perante a OTAN. Basicamente, a proposta que rejeitamos há uma semana, o que estamos lutando e as pessoas estão morrendo em grande escala para defender, agora está sendo entregue à Turquia pelos EUA. Isso significa que podemos aceitar isso e perder ou podemos continuar lutando, mas agora a luta será ainda mais difícil. Isso já era quase impossível na minha visão; mesmo não sendo pela vitória, foi uma luta pela dignidade, pela resistência, pelas gerações futuras. É como eles estão sempre dizendo: “Isto é pelo espírito de luta, não pelo espírito de vitória”. E esse pode ser um exemplo perfeito dessa frase na prática e em grande escala.

Então nós, as pessoas e os combatentes daqui, podemos nos entregar a eles ou podemos lutar – mas desta vez, não apenas contra a Turquia e os jihadistas, mas também contra o mundo inteiro, porque eles fizeram esse acordo. O problema – e é por isso

Certamente, agora que a Turquia reacendeu a guerra civil síria, muito mais civis turcos morrerão nessa guerra do que morreriam de outra forma. Na melhor hipótese, isso esclarecerá para algumas pessoas na Turquia que um estado militarizado não as torna mais seguras, mas as coloca em perigo, assim como as do outro lado das bombas e balas.

“Mas a Turquia diz que precisa capturar Rojava para reinstalar refugiados sírios no país.”

Não está claro exatamente quais são os planos da Turquia para a região, nem a quem eles esperam estabelecer lá; a maioria dos refugiados sírios na Turquia não é de Rojava. Principalmente, a Turquia gostaria de afastar o povo curdo desafiando de suas fronteiras, a fim de sufocar os movimentos de independência dos curdos.

De qualquer forma, a Turquia usar a força militar para matar ou deslocar milhões de pessoas e substituí-las por uma população completamente diferente é a definição exata de limpeza étnica. O fato de anunciar antecipadamente que pretende cometer crimes de guerra é chocante.

“A oposição à invasão turca legitima os militares dos EUA?”

Como anarquistas, não acreditamos que os militares dos EUA possam fazer qualquer bem no mundo. Mas ninguém tem que legitimar o exército dos EUA para se opor a uma invasão turca. Não estamos pedindo que os militares dos EUA resolvam a situação; estamos chamando as partes responsáveis por essa tragédia – os governos dos EUA e da Turquia e todas as empresas que ajudam a definir suas agendas – e pressionando-as a pôr um fim nela.

Quando Hitler tomou a Tchecoslováquia em 1938, quando Bush invadiu o Iraque em 2003, ninguém teve que afirmar ou legitimar

nenhum estado, governo ou exército para se opor a essas invasões. Em vez disso, ao tornar o mais inconveniente possível para qualquer um ficar de pé enquanto essas tragédias ocorrem, assumimos nossa oposição de princípios contra injustiça.

Da mesma forma, a traição dos curdos deve deixar claro para quem ainda acredita no governo dos EUA – ou em qualquer governo – que só teremos a paz no mundo se pudermos criá-la com nossos próprios esforços, fazendo tudo o que formos capazes. É possível resolver conflitos horizontalmente enquanto nos defendemos das estruturas verticais de poder daqueles que aspiram a governar.

Falácias como “Se você é contra a invasão turca, deve ser a favor do imperialismo dos EUA” ilustram as armadilhas do pensamento binário. É mais fácil entender o que está em jogo nessa situação se reconhecermos que há pelo menos três lados básicos nos conflitos globais de hoje, cada um representando uma visão diferente do futuro:

- **Neoliberais** de todos os tipos, de Lindsay Graham e Hillary Clinton a partidos supostamente esquerdistas como o SYRIZA na Grécia e o Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil. Embora discordem dos detalhes, compartilham um objetivo comum de usar a governança estatal global em rede para estabilizar o mundo em prol do Capitalismo.

- **Nacionalistas** como Trump, Erdogan e ISIS, que deixaram sua cumplicidade clara o suficiente no decorrer deste assunto tratado aqui. Essa categoria também inclui Assad, Putin e outros demagogos que – como os neoliberais – costumam estar em desacordo uns com os outros, mas todos buscam a mesma visão de um mundo pós-neoliberal de etnoestados concorrentes.

- **Movimentos sociais de libertação** que buscam promover a autodeterminação pluralista e igualitária, com base na autonomia e na solidariedade. Muito do que vimos em Rojava se encaixa nessa categoria, mesmo que grande parte também tenha um caráter nacionalista.

bastante e, como resultado, os turcos não puderam avançar mais para o sul. Se não impusermos sanções, a Turquia ganhará muito tempo.”

A Rússia e Assad também querem que as Forças Democráticas Sírias de Rojava se retirem da área ao longo da fronteira para ampliar seu controle na região. Após bombardear hospitais e atacar civis com gás, esse poder internacional imperialista e o tirano local que ele adora estão animados para fingir ser os pacificadores e defender “a integridade territorial da Síria”. Do ponto de vista do imperialismo russo, toda essa tragédia é simplesmente uma oportunidade de colocar toda a Síria de volta sob a autoridade de Assad, um déspota mesquinho que dezenas de milhares de pessoas já morreram na esperança de derrubar.

Recebemos a seguinte mensagem de um anarquista no meio da zona de guerra em Rojava. Ele oferece uma visão penetrante do chamado cessar-fogo e as consequências que essa traição agora dupla pelos Estados Unidos terá para os combatentes e civis em Rojava:

“18 de outubro, 13:51, horário local. Ontem à noite, ouvimos as notícias de última hora sobre o vice-presidente dos EUA em reunião com a Turquia e decidindo que no nordeste da Síria haveria o chamado “cessar-fogo”, um acordo vitorioso que seria um “grande dia para a civilização”, nas palavras de Trump.

Para mim, isso me lembra mais o que aconteceu na Tchecoslováquia em 1938: o Acordo de Munique, quando Adolph Hitler da Alemanha nazista, Benito Mussolini da Itália fascista, Neville Chamberlain da Grã-Bretanha e Eduoard Daladier da França se reuniram sobre a mesa em Munique em 1938 e concordaram em entregar à Alemanha os Sudetos, uma zona de 30 a 50 quilômetros em torno da fronteira do que costumava ser a Tchecoslováquia. Segundo o acordo, algumas pequenas partes do território foram para a Polônia; A Eslováquia foi cortada e se tornou sua própria república

fogo não impediu as forças turcas de continuarem atacando em partes da Síria mantidas pelas Forças Democráticas da Síria (SDF). O comandante do SDF em Serêkaniyê informou na sexta-feira que mais de 40 de suas posições foram atacadas desde a declaração do chamado cessar-fogo.

Portanto, o cessar-fogo é uma mentira.

Tememos que, assim que o prazo designado expirar, a Turquia intensifique seus ataques a civis e combatentes da resistência na chamada “zona segura”. No dicionário de orwelliano, o discurso duplo na Síria, ao lado de “Primavera da Paz” e “cessar-fogo”, podemos adicionar “zona segura” como uma palavra para “campos de assassinato”. É difícil imaginar algo mais descarado do que matar milhares de pessoas, desalojar centenas de milhares e permitir que os jihadistas retomem suas atividades em toda a região e justificar tudo isso com o argumento de que é necessário defender a Turquia do “terrorismo”.

Como enfatizamos na semana passada,

“Uma Rojava livre não ameaça o povo turco; ameaça o regime de Erdogan e a opressão que o povo curdo enfrenta na Turquia. É uma guerra etno-nacionalista, pura e simples.”

Trump está determinado a apoiar tudo isso a qualquer custo em cadáveres. Uma autoridade turca disse à CNN que, literalmente, a “operação militar valeu a pena”. Uma autoridade do governo dos EUA, falando mais francamente do que o habitual, admitiu:

“Este é essencialmente o EUA validando o que a Turquia fez e permitindo os turcos anexem uma parte da Síria e desloquem a população curda... É isso que a Turquia queria e o que o presidente Trump deu permissão. Acho que uma das razões pela qual a Turquia concordou [com o cessar-fogo] é porque os curdos resistiram

Quando nacionalistas colaboram contra um experimento social como o de Rojava, pedir resistência não deve significar endossar os neoliberais que anteriormente administravam a paz e a guerra. Pelo contrário, temos que construir nossos movimentos sociais, rompendo com as agendas nacionalistas/militaristas e neoliberaisreformistas. Caso contrário, seremos para sempre instrumentalizados de um lado ou de outro, seja por manipulação direta ou por medo de o outro grupo alcançar a supremacia.

“Como podemos ter esperança de parar a Turquia, um das forças militares mais poderosos do mundo?”

Podemos até não conseguir forçar os governos dos EUA e da Turquia a interromperem a invasão em Rojava. Mas, mesmo se não o fizermos, há coisas importantes que podemos realizar adotando ações e oportunidades valiosas que perderemos se não o fizermos.

A invasão de Rojava está ocorrendo em um cenário global de intensificação do nacionalismo, conflitos e autoritarismo. Temos que entender isso como uma única batalha em um conflito muito maior. Situando-o no contexto das maiores lutas mundiais que estão ocorrendo agora, podemos identificar vários objetivos que estão absolutamente ao nosso alcance:

- Podemos mostrar a cumplicidade entre nacionalistas como Trump e Erdogan e ISIS e delegitizá-los aos olhos do público, mostrando como são conectados um ao outro.
- Podemos avançar em uma posição anti-estatal como a única forma confiável de solidariedade com os povos na mira da opressão estatal e do colonialismo – não apenas o imperialismo dos EUA, mas também o imperialismo turco, russo e chinês, entre outros.
- Podemos legitimar e popularizar formas de ação direta como a única maneira de pressionar efetivamente as autoridades. Quando a

política eleitoral falha em oferecer progresso significativo em direção à mudança social, temos que acostumar as pessoas a outras abordagens.

Se o ISIS puder reerguer sua atividade novamente – e não houver paz ou perspectiva positiva no Oriente Médio por mais uma década – queremos que todos no mundo saibam de quem é a culpa e que fizemos todo o possível para detê-la.

As apostas são altas, mas se lutarmos muito, podemos sair desse pesadelo um passo mais perto de um mundo sem guerras. Ou, na sua falta, um mundo em que pelo menos estamos lutando em conflitos de nossa própria escolha, e não tragédias sem sentido como essa.



Ato no Rio de Janeiro, também em setembro de 2019, pela campanha Riseup4Rojava.

O “Cessar Fogo” é uma Fraude Mortal

Mensagem de um camarada em Rojava

O suposto cessar-fogo anunciado no dia 17 de outubro pelo vice-presidente dos EUA, Mike Pence, é uma fraude mortal. Anunciado uma semana após intenso ataque a vilarejos e cidades em Rojava, matando centenas e deslocando centenas de milhares, seu único objetivo é permitir que o governo Trump lave as mãos do derramamento de sangue que os militares turcos estão cometendo enquanto muda o discurso para culpar as vítimas por continuarem resistindo. De qualquer forma, esse falso cessar-fogo é uma traição maior do que a decisão original de Donald Trump de dar ao presidente turco Recep Tayyip Erdoğan a luz verde para invadir Rojava e realizar uma limpeza étnica contra o povo curdo da mesma maneira que ele faz na Turquia.

Ao declarar rendição unilateral em nome das pessoas que se defenderam contra a invasão da Turquia, Trump e Erdoğan estão tentando forçá-los a abrir mão do território que a Turquia ainda não conseguiu ocupar pela força. O Estado Islâmico (ISIS) e os outros grupos jihadistas que se aproveitaram da invasão turca para retomar sua atividade não respeitarão o cessar-fogo em nenhuma hipótese. Os EUA retiraram suas forças da área e não pretendem monitorar a agressão turca, muito menos desencorajá-la. O fato de Trump ter usado o suposto cessar-fogo como desculpa para suspender as sanções econômicas que outros funcionários do governo dos EUA exigiram que ele impusesse à Turquia confirma claramente isso.

De fato, a Turquia negou explicitamente que isso represente uma trégua e os militares turcos e seus representantes mercenários sírios já estão violando o cessar-fogo com impunidade. Além dos relatórios que chegaram até nós diretamente da YPJ (Unidade de Proteção das Mulheres), várias fontes da mídia corporativa relataram que o cessar-